

SUCESSO na feira da elite. Correio Popular, Campinas, 01 out. 1978.

Sucesso na feira da elite

Quais foram, na realidade, os verdadeiros objetivos desta Feira do Livro?

Se os indivíduos participantes da criação e promoção da feira, objetivavam, na verdade, aqueles itens impressos no folheto da programação geral, eles, claramente, não foram capazes de alcançá-los.

Dizem os itens impressos, que a Feira do Livro visava atingir, entre outros, os seguintes objetivos: "Promover a literatura brasileira junto à comunidade de Campinas e regiões circunvizinhas. Conscientizar a população - famílias, estudantes, operários, professores etc - sobre aquilo que diz respeito ao valor do livro enquanto veículo de comunicação e de transmissão de cultura. Dar início a um processo de deselitização do livro, fazendo com que este se torne um objetivo cultural popular".

Estes, realmente, seriam muito difíceis de se obter, nas condições em que foi realizada a feira.

Não é possível promover-se alguma coisa e atingir uma grande parte da população, sem que haja, fundamentalmente, uma divulgação significativa a respeito.

Não se obtém uma certa venda de determinado produto, embora a feira não tivesse por objetivo, principal, vender livros, - sem que haja variedade para a escolha e, sobretudo, sem que ele seja acessível ao consumidor. Com um desconto de 10%, qualquer livreria - sem que tenha que se deslocar para outro lugar - pode vender. O desconto teria que ser de, no mínimo, 30%. É assim que costumam circular livros em outras feiras.

E, por fim, jamais se iniciará um processo de deselitização de qualquer coisa nesta vida, se ela, por sua vez, não for mostrada em locais realmente estratégicos, ou seja, de acesso frequente a todas as camadas sociais da população, como por exemplo, os parques públicos, os bairros, as fábricas.

Disso resultou, por conseguinte, uma vendagem bem mais baixa do que se estimava. Dentre as livrerias que

participaram da feira, apenas uma, a Van Rick, conseguiu vender a metade do que dispunha. Isto porque a livreria oferecia uma maioria de livros estrangeiros, - estrangeiro no Brasil quer dizer americano, - best sellers. Justamente aqueles de maior penetração no país, devido a todo um processo de imperialismo ao qual o Brasil é submetido até hoje.

Já a Papyrus, uma livreria que, diga-se de início, muito contribuiu com as suas obras nacionais, vendeu apenas 15% do que estava exposto. E tinha Guimarães Rosa. Tinha João Cabral de Melo Neto.

Dessa percentagem o mais vendido foi a reportagem "A Ilha", de Fernando Morais, com 164 exemplares vendidos. - Achei lamentável a ausência do último livro do escritor Ignácio de Loyola Brandão, "Cuba de Fidel", o qual apresenta um vasto panorama do que foi a revolução cubana de 59, e o que é Cuba hoje, após a revolução de Fidel, além de uma imensidão de dados e fatos cotidianos. - A "Ópera do Malandro" de Chico Buarque de Holanda e todos os livros do poeta Vinícius de Morais, também foram dos mais vendidos.

Quanto às outras livrerias - São Luis, Imaculada, Livropel, Ulemã e Icea - venderam também nesta faixa percentual, sem, contudo, ultrapassar os 25%.

Lamentável também foi a ausência da mais bem servida livreria campineira: a Pontes, que por lhe atribuírem um espaço que, de tão mínimo, tornou-se até ofensivo, não pôde participar da feira.

Eu coloco a questão de que, então, esses objetivos não eram realmente uma meta a alcançar, mas tão somente uma justificativa para o que foi uma realização para um público dirigido e, acima de tudo, reduzido.

Agora, se colocarmos a Feira do Livro como uma realização de alguns poucos, com a participação de outros poucos, ou seja, de uma pequena classe intelectual e burguesa, então ela foi, indubitavelmente, um sucesso.